

Pluralidade Católica: um esboço de novos e antigos estilos de crença e pertencimento

Emerson José Sena da Silveira^{*}

Resumo

Este artigo debate a crescente pluralidade interna do catolicismo, bem como as convergências e descontinuidades daí resultantes. Contudo, realiza-se no texto um movimento pendular: da experiência pessoal do autor às reflexões sócio-antropológicas, pretendendo lançar indagações, implícitas, ao “mito” da unidade, tão bem sucedido entre os católicos. Um mito, no sentido “forte” pois constrói a realidade vivida e ao qual o ato de perguntar parece um mal-estar, quando não uma heresia, se provinda, sobretudo, de um católico.

Palavras-chave: Catolicismo, Pluralidade, Experiência Pessoal, Reflexão Sócio-antropológica.

Abstract

This article debates the growing internal plurality of Roman Catholicism, as well as the convergences and discontinuities resulting therefrom. Nevertheless, a pendulum movement takes place in the text: from the author personal experiences to social and anthropological reflections. The underlying intention is that of addressing implicit questions to the “myth” of unity, so successful among Roman Catholics. Thus, it recognizes unity as a myth in a strong sense, since the latter helps to construe experienced reality – a myth in face of which, however, the simple act of questioning is felt as a discomfort, if not a heresy, especially if it comes from a devoted catholic.

Keywords: Roman Catholicism, Plurality, Personal Experience, Social and Anthropological Reflections.

^{*} Sociólogo, mestre e doutorando em Ciência da Religião, PPCIR/UFJF. Professor de sociologia/metodologia, Faculdades de Santos Dumont e Estácio de Sá, Juiz de Fora. Esse texto foi resultado de uma palestra, proferida no dia 01/4/2003, Centro Loyola Fé e Vida, Colégio dos Jesuítas, Juiz de Fora, MG. Agradeço ao meu orientador, professor Marcelo Camurça, os estímulos e os comentários sempre pertinentes e preciosos.

Introdução

Formado em ciências sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestre e doutorando em Ciência da Religião pela mesma universidade, tive em minha trajetória pessoal e acadêmica duas tensões, de difícil equilíbrio, a análise científica dos fenômenos, que na representação é percebida como necessitando de um distanciamento, e a experiência religiosa, cujo movimento é o inverso: aproximação. Um embate entre desencantamento e encantamento.

Contudo, esses momentos nunca foram estanques. Foram e são um diapasão. Assim, penso que uma postura compreensiva é importante. Aliás, a própria antropologia, entre outras ciências sociais, se coloca, enquanto conhecimento sistemático, como um discurso, uma compreensão do fenômeno que pretende estudar.

Apesar dos rígidos discursos pós-modernos que criticam a antropologia justamente nesse ponto, na tentativa de compreensão do outro e da ampla disseminação de termos como alteridade, diferença e outros, que ameaçariam sua própria identidade epistemológica, a antropologia deixa um legado permanente e precioso no mapa cognitivo, estético e experiencial do processo de compreender. Ainda é válido adentrar e compreender uma determinada tradição religiosa com “olhares antropológicos”. E, numa primeira olhada, o que salta à vista é a diversidade.

A pluralidade integraria hoje, de maneira institucional, e não apenas historicamente, o horizonte externo e interno ao catolicismo.

Alguns até poderiam dizer: o espírito sopra onde quer. Realmente, parece algo mágico, sublime, sobrenatural ver a “relativa” *universitas* católica pairando e enfeixando os milhares de fios soltos de movimentos tão díspares entre si. Como Pierre Sanchis afirma, *catolicos* pode ser visto como um ethos holista, que, num processo de longa duração, lembrando Fernando Braudel, media e articula as manifestações particulares da identidade, remetendo-as a um *telos* universal.

No entanto, há uma tensão, do ponto vista teológico, entre a crença de que o “espírito”, o divino está em cada gesto de amor, em cada vivência religiosa, *intra e extra ecclesia*, e a sentença dogmática que estreita o espírito nas muralhas de cada movimento, de cada religiosidade, como se alhures fosse um deserto.

Do ponto de vista sociológico, Bauman chama atenção para a tensão entre o “eles” e o “nós”, uma fissura permanente entre as visões de mundo e as práticas de fé.¹ Guetos erguidos em torno de vivências, ritos e hábitos, cada vez mais afetados pela “insegurança ontológica”², ou seja, do medo da perda, da fragmentação, da diluição identitária.

Longe das fronteiras ficarem apagadas e cederem, elas adquiriram mobilidade, não são permanentes, nem cercam o mesmo lugar, todavia movem-se, refazem-se constantemente, a cada invocação, em sentido restritivo, “nós somos assim, eles não”.

Mas nesse breve artigo, vou imprimir um movimento pendular, um pêndulo entre um tom mais pessoal, pois como lembra a fenomenologia, a dimensão da experiência é uma das mais importantes ao processo do conhecimento; e as apreciações/reflexões sócio-antropológicas acerca dos estilos de ser e pertencer ao catolicismo.

Tomo, como ponto de partida, um olhar sócio-antropológico. Um olhar que procura desvendar, desvelar e apontar a multiplicidade do real. Um desnudamento crítico e lúdico. Assim, chamo atenção para um fato pouco analisado em si, sempre remetido a uma concepção holista: a diversidade de opções de ser católico, que vão desde uma liturgia de inspiração pentecostal (renovação carismática católica), e aqui realizo uma expansão semântica do conceito de liturgia, aos ritos iniciatórios e “secretos” do neocatecumenato, desde as pastorais sociais (pastoral da terra), as pastorais sacramentais (pastoral do batismo) e as pastorais “pós-modernas” (de divorciados, de gays e lésbicas, etc.), até às “correntes” de crença e experiência mais porosas, sem uma clara pertença e identidade, tais como as aparições da Virgem. Contudo, esse modelo plural sempre foi invocado como próprio e singular da igreja e do catolicismo. Tal característica histórica institucionalizou-se a partir do decisivo Concílio Vaticano II.

Afinal, se convidássemos um visitante distante a assistir, separadamente, uma reunião da RCC, das Ceb's, do Neocatecumenato, dos Arautos do Evangelho e da pastoral dos homossexuais, e afirmássemos que estão dentro e

¹ Zygmunt BAUMAN, *O mal-estar da pós-modernidade*.

² Anthony GIDDENS, *As conseqüências da modernidade*, p. 12.

sob o báculo da Igreja, ele iria perguntar seriamente se não estaríamos brincando com ele.

1 Tradicionalismo e Inovação: metamorfoses ambulantes

O conceito de tradição tem sido questionado e repensado por alguns intelectuais como o sociólogo britânico Anthony Giddens.³ O duto senso a compreende como atávica, impávida, quando, na verdade, em algum momento ela foi criada, e ao longo do tempo sofreu modificações, às vezes imperceptíveis. Algumas mudanças acontecem ao nível dos agentes e da subjetividade, outras, mais evidentes, e que ameaçariam provocar rupturas, acontecem ao nível institucional.

Para Giddens vivemos hoje em sociedades em larga medida pós-tradicionais, nas quais o quadro da tradição desloca-se/desliga-se do contexto social, cultural e político de origem, podendo ser reapropriada e resignificada com uma intensidade poucas vezes vista na história humana.⁴

Nesse sentido, as tradições católicas, passadas de geração a geração, e o orgulho de assumi-las como herança começavam a ranger sob o impacto das transformações vividas na sociedade como um todo. Mudanças essas que traziam o declínio da autoridade patriarcal, o questionamento à moralidade tradicional, ao vestuário. Era preciso ser moderno. Em todos os campos e em todos os sentidos. Modernidade como ideologia e ação programática, diria Henrique Vaz. O catolicismo entre seus antigos dilemas, ou como prefere o antropólogo Pierre Sanchis, entre tradição e modernidades.

No contexto cultural da sociedade brasileira cresceria a diversificação do campo religioso, que apesar da notável presença de protestantes de imigração e missão, e de outras religiosidades, será caracterizado pela imperial presença da igreja, e da qual, sobre as bordas de seu altar, o sincretismo com as religiões afro permanecia na vivência cotidiana dos milhares de fiéis.

³ Idem.

⁴ Idem.

Esse quase monopólio desmorona com a expansão, surgimento e entrada de novas religiosidades, vindas de fora ou invenções brasileiras, no cenário religioso ao longo de 90 anos de história da sociedade brasileira: o espiritismo kardecista, o pentecostalismo (Assembléia de Deus), as igrejas de cura divina (Deus é Amor, Casa da Benção, Igreja do Evangelho Quadrangular), as religiões de inspiração oriental tradicionais ou novas (Budismo, Seicho-no-iê), as religiosidades afro, sincréticas ou não (Candomblé, Umbanda), as religiões populares de inspiração indígena (Santo Daime), as seitas secretas (reverendo Moon), religiões cristãs sincréticas (Igreja Universal do Reino de Deus), que em momentos históricos distintos, como 1910, 1940, 1950, 1970, 1990, entre outras datas, vão surgindo, expandindo e mesclando-se entre si. Aqui termina o primeiro movimento do pêndulo.⁵

2 O Antropólogo Nu e a Túnica Episcopal

Expor sua experiência numa arena científica é complexo, polêmico, sujeito a deslegitimações e encarceramentos na metodologia e epistemologia peculiares à fenomenologia, à filosofia, à teologia e às ciências sociais. É verdade que esses desejos e valores interferem a todo o momento na escolha, na visão de mundo, como lembrava Max Weber, ao discordar da metodologia positivista. Mas, algumas vezes, permanece como um dado cinzento, margeando o discurso científico sobre a crença.

Todavia, ao desnudar-se, o pesquisador/cientista/pensador precisa saber fazer o “strip-tease”. Do contrário ficaria apenas a cega paixão, um testemunho inflamado e não um relato que pretenda assumir um dos legados mais preciosos da antropologia em relação à pesquisa.

As tensões passam a ser reconhecidas e não camufladas como normalmente acontece. Explicitadas, podem ser objeto da reflexividade do sujeito, servindo como uma alavanca de Arquimedes, para conhecer melhor o fenômeno

⁵ Maria Lúcia MONTES, As figuras do sagrado: entre o público e o privado.

a abordar, ou como diria o antropólogo James Clifford, a automodelagem etnográfica.⁶

O pêndulo faz agora o movimento inverso. Volta-se à própria experiência. Assim, pude acompanhar, em parte por experiência própria, o percurso da diversidade interna e externa ao catolicismo.

Nasci batizado na igreja católica. Fiz primeira comunhão, observando os gestos e atitudes de meus familiares/amigos, ouvindo as narrativas tecidas em torno aos mitos cristãos pelas catequistas.

Velas, procissões, olhares e odores de manjerição e alecrim. O cheiro do cipreste no natal. Toda uma história social de odores poderia ser tecida, uma história social das cores. O roxo da semana santa. O canto de Verônica. Filas intermináveis, lado a lado, com beatas recitando o terço, serpenteando por entre as ruas os andores. Padres rígidos, vozes graves e soturnas. Quadros e santos, nos altares. Sermões inflamados. Olhares contritos na igreja. Risos descontraídos e brincadeiras em casa. Uma vez ou outra uma palavra mais forte do pai, do tio, quebrava a gravidade com uma sonora gargalhada, lembrando fatos, lapsos, distrações. Lembro-me de uma. Numa ladainha, entoada pela família, a invocação “bata, e a porta se abrirá”, foi prontamente respondida com um gentil “pode entrar”.

Eu sempre me perguntava os “porquês” daquilo. E as perguntas tinham sede de respostas. Na busca de respostas, encontravam uma experiência forte, pessoal, íntima. Foi assim comigo. Em busca de resposta, conheci parte da pluralidade do catolicismo e do campo religioso: visitei igrejas pentecostais, umbanda, esoterismo, kardecismo. Realizei leituras de mão e cartas, encantado com as novas possibilidades rituais. Concomitantemente, conhecia as pastorais e o movimento carismático.

Parece haver sempre uma pergunta na origem de toda descoberta. No entanto, na origem de toda mudança, no rastro de toda conversão, nem sempre há uma pergunta, ou melhor, há uma pergunta que nem sequer chega a ser formulada pela mente, mas o é pelo corpo e pelos hábitos, como lembram Merleau Ponty e Alfred Schutz, o corpo e a experiência são anteriores às conceitualizações. Descartes deveria ter dito “logo existo, logo faço”.

⁶ James CLIFFORD, *A experiência etnográfica*.

Mas muitos dos depoimentos de pessoas que se tornaram carismáticas, provindas do próprio catolicismo ou de outras religiões, ou ainda de pessoas que transitam entre diversas religiões para o kardecismo, por exemplo, passam por questionamentos, por uma auto-reflexividade do sujeito em relação à sua própria experiência de crer e ser.

Mas nem toda reflexividade é tão cognitiva. Existe também uma boa dose de estética, como diz Ulrich Beck ao criticar Giddens.⁷ Assim, muitos sujeitos simplesmente passeiam, deslocam-se até as religiosidades, e segmentariamente consomem uma para cada tipo de demanda (física, interior ou outra), deixando as perguntas para alguns, ou encontrando respostas na prática, no saber-fazer.

Contudo é fato que a tradição e a herança não bastam como quadros de explicação ou, para usar as palavras de Giddens, segurança ontológica.⁸

A complexificação da pluralidade e do quadro externo ao catolicismo é acompanhada simultaneamente pela complexificação interna da religião católica. Desde tradições e movimentos anteriores ao Concílio Vaticano II até a explosão de uma enorme diversidade interna.

Alguns pesquisadores contabilizam entre 50 e 100 movimentos, como os Arautos do Evangelho, os Cavaleiros do Novo Milênio.⁹ Isso sem mencionar oficinas de oração, grupos de reflexão bíblica, congregações religiosas novas e as comunidades laicas de vida e aliança, entre outros organismos criados no catolicismo pós-concílio. Entre os movimentos pré-concílio estriam os Focolares, o Neocatecumentato, a Opus Dei, a Comunhão e Libertação. As tradicionais associações leigas como Apostolado da oração, Filhas de Maria, Vicentinos e Sagrado Coração de Jesus remontam entre setenta e mais de cem anos.

A entrada para tanta diversidade é hoje realizada em grande medida pela escolha pessoal. Pelo afeto. Pelo que se gosta. Pelo que se rejeita. Há, no entanto, um espectro de escolhas antagônicas. Conflitos declarados. Adesões entusiasmadas. Padres, bispos, leigos (as); estruturas institucionais e experiências pessoais num jogo de dados à beira do altar. Não se trata de um sorteio, mas de lances de um movimento.

⁷ Ulrich BECK, Anthony GIDDENS e Scott LASCH, *Modernização reflexiva*.

⁸ Anthony GIDDENS, *As conseqüências da modernidade*.

⁹ Gordon URQUHART, *A armada do Papa*.

Olhares desencontrados, a busca de um reencontro. Distâncias e aproximações, de uma Tradição, Família e Pátria, reabilitada e em plena atividade, ao Neocatecumenato, com suas exigências e ritos de iniciação, secretos aos não iniciados. Condenações. Vozes clamando pelo pecado. Retomada da tradição. Por escolha e gosto pessoal.

Arautos do Evangelho e os Cavaleiros do Novo Milênio. Retomada das cruzadas de rosário, usado como terapia, salvação, arma de evangelização e como distintivo: sou católico, graças a Deus. Mistura de presunção e sincera adesão. Hinos e saudações em latim. Bandeiras, vestuário e sinais próprios. A veste dos Arautos é uma longa túnica de diversos tons, conforme hierarquia interna, centralizada por uma cruz à semelhança dos cruzados na Idade Média.

Opus Dei. Organização sólida. Doutrina conservadora. Beatificações “just in time” (Monsenhor Jose María Escrivá), fazendo jus aos “cliqs” do mouse e do “enter”, nas telas de computador. O mundo moderno, seus saberes e técnicas tomados como meios de evangelização. Às vezes numa exaltação triunfalista da igreja, única e verdadeira. Mentalidade pré-conciliar em tempos de pós-concílio (Vaticano II). Houve tantos concílios na igreja que se pode dizer que todos os católicos são simultaneamente pré e pós-conciliares há séculos.

Mas não só. O suave olhar da virgem derramado em profusão. Movimentações. Multidão em torno de vidros, cercas, árvores, morros, horizontes e nuvens. Antes havia lugares. Grutas. Erguiam-se catedrais e louvava-se a Virgem. Hoje, as aparições flutuam. Pós-modernas, diriam uns, desligadas de seu suporte físico-institucional. O sagrado brotando e atraindo católicos e pessoas das mais variadas confissões religiosas.

Por outro lado, a modernidade, a reflexão, o distanciamento da magia. Pastorais sociais. Celebração encarnada. Altares com camisas manchadas de sangue pela luta em prol dos direitos sociais. Cálices de barro e madeira. Pastoral da terra e do menor. Outra visão e outra mística. Músicas e letras clamando por justiça, saúde e paz. Envolvimento pela reflexividade, sem magias e curas. Mas nem tanto. As lutas multiculturais, pelas minorias, penetram hoje as pastorais. A música segue novos padrões, mais ritmados, cadenciados, rock, pagode e samba.

Ao centro e sob o comando do pároco, mas nem sempre, as pastorais dos sacramentos, batismo, encontro de noivos, catequese. Pelas bordas das práticas dos agentes, brota sincretismo, hibridação, diria Nestor Canclini, inseridos em complexas redes de mensagens de consumo, mídia.¹⁰ Lembro-me de uma ministra da eucaristia, coordenadora da pastoral dos enfermos, dizer, à meia voz, que ia consultar tarô, búzios e tomar passes e benzeções.

Nas bordas, pastorais “pós-modernas”: gays e divorciados, uma convivialidade democrática, mas em confronto com estruturas de mando clerical multisseculares, ladeadas por tratados teológicos que as justificam.

Agora se desenha um cenário, similar a uma teia, na qual se debatem, tecendo relações conjunturais de aproximações e de distâncias, progressistas versus intimistas, com mútuas acusações; alienados versus secularizados, sincréticos versus puros; Papa versus colegialidade. O papa é pop. Bispos versus seminários. E a estrutura política da igreja range sob “sopro do espírito”, ou como diria, sob múltiplas formas de manifestar a experiência, novas e antigas.

De todos os lados se ouvem algumas vozes, entre elas: uma experiência direta, um contato direto. E das mais diversas formas, desde a eliminação do aparato burocrático que cerca o contato do pároco com seus fiéis, até o contato direto entre Cúria e movimentos.

Novos tempos. Corpo em alta. Padres cantores que no pós-concílio se lançam, ou são lançados, como sucesso. Já existiam padres “Zezinhos”. A novidade é por conta da dinâmica corporal, da moldura ritual, do contato direto, do marketing assumido como tal pela igreja. O Padre Marcelo Rossi é um fenômeno de comunicação, no sentido antropológico.

Mas as fronteiras insistem em ser ambíguas, apesar de seu reposicionamento constante: novas terapias e técnicas penetrando nas práticas religiosas: acupuntura, cromoterapia e outras. Novas formas de se pensar o mundo. Velhas estruturas hierárquicas.

Uma ebulição que guarda sabor de outros tempos. O campo interno do catolicismo sempre foi transtornado por heresias, ou, numa linguagem sociológica, por outras versões teológicas e rituais.

¹⁰ Nestor García CANCLINI, *Culturas híbridas*.

Montanistas (século II) já oravam em línguas, profetizavam (a própria voz de Deus ali, palpável, orientando nas grandes e pequenas situações como no movimento carismático), proibindo o retorno daqueles que abandonaram a igreja.

Idade média. Goliardos brincalhões. Valdenses. Cátaros. Movimentos místicos e visões. Fogueiras erguidas. Uma rama feita de sentimentos políticos regionais, heresias, desejos de retorno à pureza. Inquisição, de todos os tipos e de diversos estilos. Medo da diferença. Inveja da diferença. Desejo da diferença. Desejo da verdade. Possessão.

Hoje houve avanços fundamentais. Entretanto, quem quer saber como é o sabor que o outro experimenta? Mas experimentei essa diversificação interna. Do catolicismo popular, visitas a Aparecida. Votos e pagamento de promessas. Velas acesas em casa. Fitas coloridas em torno ao pulso. Pequenos altares domésticos. Novenas, entoadas e destoadas.

Depois as pastorais. Envolvimento reflexivo. O sermão passava a ser homilia. Novos desenhos e coloridos. Denúncia da situação dos pobres. Lá estava eu, na paróquia em Benfica, Juiz de Fora, acolhendo menores, de um loteamento próximo, extremamente pobres.

Os oprimidos estavam lá. Fome e miséria, vivos. “Ouvi o grito que sai do chão, dos oprimidos em oração”. Era preciso uma viva reação. Pastoral do menor. Grupos de base. Bíblia lida e na mão das pessoas. Perguntas. Chavões: os pobres, os pobres. A caridade trocava de nome: assistência. Novas novenas, preparadas por novas linguagens. Novos livretos. Estala lá, lendo, perguntado e ouvindo o povo dizer de si e de sua situação. Sujeito em reflexão. Saía o mea culpa. Adentrava o ver, julgar e agir.

Mas nem todas as respostas foram encontradas. Algo em mim reclamava contato e ternura. Numa noite de segunda feira, em finais de 1988, na catedral, portas centrais fechadas. Portas laterais timidamente abertas. De boca a boca foram chegando as notícias: “Lá tem umas lindas orações, curas. Fulano foi curado disso. Fulano mudou, deixou de fazer isso e aquilo e agora, sorri, está alegre e feliz”.

Mineiro bom fica ouvindo, matutando. Não diz que vai, mas vai. Fui. Na porta da catedral um abraço. Estranho. Aproximação terna e sorriso largo: “Jesus te ama!”. Entrada. Alegria atrás das muralhas fechadas, atrás das sisudas faces

das esculturas e estátuas de santos. Mãos para o alto. Palmas. Músicas alegres. Emoção à flor da pele. Lágrimas. Sensação de ter encontrado a resposta. Numas palavras da pregação: “Deus se importa com você, ama você, não importa o que você fez”. Palavras vibrantes em eufóricas leituras da Bíblia. Pregação? Leigos e leigas podendo falar assim? Não me enganei de lugar? Entrei numa igreja pentecostal?

Balucio de palavras e canto sem sintaxe/morfologia. Não era em português que oravam. Língua dos anjos diziam. Com gosto. E gostei do tom, da suavidade e orei também. Simultaneamente. Corrente elétrica de sensações físicas percorrendo o corpo. Eu toco o sagrado e ele me toca. Mas não o faço sozinho. Olho e vejo que junto de mim tantos outros corpos sentem, choram, alegram-se. O eu dissolve-se num ritual, naquele momento forma-se uma “comunidade”, sem intermediários.

Emoção ao falar de Maria. Pessoas se dizendo tocadas e curadas, falando, gesticulando, em plena igreja. Naquela época as reuniões eram feitas dentro do altar-mor da catedral, portas centrais fechadas. Pouca propaganda. Medo da hierarquia, das pessoas não entenderem.

É preciso ver além dos toscos óculos da alienação, do fingimento ou da mentira, do menosprezo pela experiência da alteridade. Conceitos são como roupas: ficam rotas, apertadas quando se cresce. O conceito de alienação em Marx é assim. É necessário descosturar e emendar de novo, em novo formato e com novas linhas. Mas chega o momento que “remendos novos em roupas velhas rasgam o tecido novo” e tudo pode estar perdido.

Novas Tendências: a mídia e a pluralidade do catolicismo

O catolicismo transformado em palco e espetáculo, luzes e bandas. Canais de TV e ondas de rádio. O Espírito Santo, as curas e dons carismáticos ou não pelas frequências sonoras e eletrônicas. Aeróbica de Jesus. Sacerdotes cantores, artistas da fé. E quem disse que espetáculo não é bom? Que não faz bem? Só resta saber o que fazer com a emoção. Reduzi-la a serva da razão?

Em outro site, de uma associação católica com sede em Campos, Rio de Janeiro, jorravam invocações em latim via *on-line*. Terço eletrônico. Condenações e anátemas ao catolicismo carismático e outras manifestações consideradas *show*.

Já existem portais de busca de sites católicos, agrupando mais de 1500 páginas e links, que vão desembocar em associações de coroinhas, comunidade laicas, congregações e institutos religiosos, paróquias e dioceses.

Apenas do movimento carismático existem mais de 100, entre sites de dioceses, comunidades laicas carismáticas, o site oficial da RCC, das secretarias do movimento, as quais a direção nacional criou para organizar-se, etc.

Em outros modos e mídias, uma moral pré-conciliar (Vaticano II) é elevada à condição mística de proteção, salvação e cura. Camisinha e anticoncepcional são soldados do demônio. Os decotes e o sexo fora do casamento, armas diabólicas. As outras igrejas e religiões, sucursais do inferno. As vozes do pecado de novo, em novo tom e volume: místicas, a clamar um êxtase, ao negar, por meio de uma ascese corporal e psíquica, o pecado. Um PHN (por hoje não vou mais pecar), lema-propaganda da comunidade Canção Nova.

Mas nem tanto ao céu, nem tanto à terra. Essas são apenas as vozes que, dizem alguns, seriam as mais audíveis. Na verdade a polifonia existe até mesmo no interior dos movimentos. Além da TV, os carismáticos constituem uma enorme modalidade de estruturas, desde grupos de oração, grupamento básico do movimento até na forma de comunidades, extensas, somando cerca de 6 mil membros entre 100 comunidades, somente no Brasil.

Essas comunidades são chamadas de vida e aliança, congregando desde pessoas que dedicam parte do seu tempo às atividades da comunidade – que podem cobrir um amplo espectro de atuações, desde recuperação aos drogados, ao atendimento de populações de rua, às evangelizações e atendimentos à população de rua, às orações de cura e libertação – até pessoas que se dedicam integralmente, homens, mulheres, casais e famílias inteiras. Em Juiz de Fora há duas comunidades fundadas por ex-membros e mantêm um estilo, por assim dizer, carismático.

Mas nada é tão maniqueísta. Ouvi, à meia voz, de um casal carismático, coordenadores naquela época de um grupo de oração, numa festa junina promovida pelo movimento, que usavam sim anticoncepcionais, pois não queriam engravidar naquele momento.

E aqui faço uma consideração sócio-antropológica: pluralidade e diversidade permanentes, internas e externas ao catolicismo. Não é que “cada cabeça seja uma sentença”, mas é perceptível dentro do contexto eclesial e do movimento carismático, uma enorme nuance de posições, idéias, valores, condutas e ritos.

Uma enorme nuance também dentro dos movimentos. Geralmente se vê o movimento carismático como unívoco, monolítico, monocromático. Mas tal visão não corresponde à realidade. Por exemplo. Apesar de ser um movimento nascido em ambiente universitário confessional norte-americano, muitos leigos tiveram contato com outros protestantes, fazendo juntos uma experiência pentecostal, tal como nos relata uma das iniciadoras do movimento nos EUA entre 1966-67. No Brasil isso deixa de ocorrer.

Em seu livro, Patti Mansfield descreve como foi esse contato entre protestantes, que tiveram uma experiência pentecostal, o “batismo no espírito”, e católicos. Num trecho de uma carta dos iniciadores do movimento podia se ler: “em quase todas as sextas-feiras, nós vamos a uma reunião de oração juntamente com anglicanos, presbiterianos, metodistas e luteranos e pentecostais. E durante três horas diferenças sectárias são reduzidas a zero, sem que tenhamos que ceder um só milímetro um nosso catolicismo romano”. Outro trecho afirmava: “um pequeno grupo de protestantes nos mostrou o que realmente significa ser católico”.¹¹

No chamado retiro de Duquesne, considerado o deflagrador da RCC, o interessante é a descrição dos antecedentes: os livros pentecostais, a participação dos membros iniciais em outros movimentos de igreja (Cursilhos), a rede de amizade entre eles e outros cristãos.¹² No entanto, ao expandir-se por outros países, a ação de padres ligados ao movimento foi fundamental, como no

¹¹ Patti G. MANSFIELD, *Como um novo pentecostes*, p. 30.

¹² Idem..

Brasil, em 1969/70, Campinas, pelos padres Eduardo e Haroldo, missionários jesuítas canadenses e norte-americanos.

Seja como for, um dado que sempre destaca o movimento é a maciça participação laica, particularmente de mulheres, nas lideranças, nas atividades cotidianas e mais importantes do movimento, como o exercício dos dons nos grupos, como a “pregação”, o momento no qual após a leitura da Bíblia, homens e mulheres falam de Deus e de suas experiências.

Outro ponto é a percepção que para ser integrado à instituição igreja, o discurso de origem, ou mito de origem, como os antropólogos chamam as narrativas sobre a origem feitas pelos mais diversos grupos sociais, mudou para uma ênfase absoluta no Vaticano II, na catolicidade intrínseca do movimento, inclusive dispensando uma inspiração inicialmente ecumênica, de contato com outros grupos protestantes e pentecostais.

Já cheguei a ouvir, provavelmente pelo fato das lideranças possuírem uma intensa ânsia pelo reconhecimento da hierarquia e medo de serem perseguidos, que Lutero devia estar no inferno, queimando por ter dividido a igreja. Isso foi dito por um membro de um famoso grupo de músicos carismáticos, em Cruzeiro, São Paulo, pelos idos de 1994. Algo que me incomodou profundamente, pois imediatamente pensei nas palavras de Paulo VI: se partíssemos um pequeno pedaço de uma pepita de ouro, esse pequeno pedaço continuaria sendo ouro.

Verdade é que a igreja não sabia o que fazer com esse movimento que trazia experiências espirituais inusitadas para a igreja, em meio a rumos traçados pós-Vaticano II, como a opção preferencial pelos pobres, da qual, documentos como Puebla e Medellín foram testemunhos. Já se afirmou que, apesar de não olhar com bons olhos, a hierarquia saudou o movimento como uma forma de conter o rebanho e enfrentar o pentecostalismo. Não penso que seja nesse automatismo político que iremos explicar símbolos, modo e práticas que, apesar do discurso conservador, dialogam com o mundo contemporâneo.

Algo que foi problematizado pelo Papa João Paulo II, ao promover novamente a centralização, o estímulo direto aos movimentos ligados ao Vaticano (se portadores de dimensão internacional), a criação de institutos leigos com estatuto (uma forma de institucionalizar a diversidade de experiências católicas,

algumas com um alto grau de “heresia”, ou de outras versões, como diria a antropologia), a censura à produção teológica, uma política conservadora de nomeação de bispos, o retorno a uma moral sem abertura ao diálogo, etc. O interessante é que isso vem combinado com uma presença midiática do papa João Paulo II, jamais vista na igreja, um diálogo com a ciência e com outras tradições religiosas.

Algumas experiências diferentes, minimizadas por muitos sociólogos ligados a igreja, foram taxadas de regressão por eles e por teólogos e outros profissionais hostis ao “estilo” do movimento, sem que na verdade fosse feita uma análise isenta de preconceitos. Orar em línguas, orar pela cura, profetizar são experiências desenvolvidas pelos carismáticos até mesmo pela TV e rádio. Comuns nos grupos de oração, agremiação semanal de pessoas que se reúnem para orar, cantar, dançar.

Não quero enfatizar o risco, risco de desvio da fé, um argumento duvidoso e, aliás, sempre invocado para domesticar, regular, quaisquer manifestações contrárias a uma determinada concepção de ordem (seja ela qual for), desde as missas de quilombo ao repouso no espírito. Quero enfatizar que se tratam de experiências de crença, estilo e pertença, devendo ser por isso compreendidas, e não tuteladas ou ridicularizadas.

Experiências que fazem a multiplicidade existir no próprio movimento carismático, desde pequenos grupos de oração nas casas às concentrações de massa em estádios; de um canto sem sintaxe/morfologia, mas profundamente simbólico, até as reuniões do fórum carismático de direitos sociais, em sua quarta edição, que anualmente acontece em Brasília.

Os documentos da CNBB, como o documento 53, o reconhecem. Neste, recomenda-se ordem e regulação ao exercício dos dons carismáticos. Mas só se regula o que se reconhece existir.

Ao mesmo tempo, o movimento carismático se estabelece definitivamente na igreja, contando com 4 milhões de adeptos pelo país, distribuídos em 60 mil grupos de oração, dos quais cerca de quatro mil adeptos e 67 grupos em Juiz de Fora. Mas não só. Desenvolve hoje uma formidável estrutura de comunicação, com redes de rádio e TV (Canção Nova), com comunidades de vida e aliança.

Aliás, é interessante perceber que este tipo de formatação não é exclusivo da RCC, sendo implantado por outros movimentos.

Na verdade vive-se hoje um contexto eclesial de pluralidade interna, apesar da direção centralizante imprimida pelo papado e bispados. Mas ao mesmo tempo é um contexto no qual a identidade católica passará a ser redefinida. O que é ser católico nesse contexto?

Então, você tem uma estrutura antiga, burocrática, as paróquias, com todo seu trâmite canônico, e em contraposição, as comunidades de leigos (as), os movimentos; elementos mais ágeis e flexíveis, sintonizados com as atuais transformações do mundo social. Entre elas posso citar a ênfase na escolha individual, numa experiência marcada fortemente pela emoção, pelo afeto, pela corporeidade, pelo desligamento dos laços institucionais, pelo trânsito entre as mais diversas formas de expressão artística, política, cultural e religiosa.

Nesse sentido, nunca como hoje a mídia a penetrou as estruturas da igreja: Rede Vida, TV Canção Nova, sites de internet, etc. A linguagem da modernidade e da pós-modernidade, veio para ficar, fazer parte da religião católica e seu contexto eclesial neste novo milênio.

O afeto, a espontaneidade, o toque, a corporeidade, a escolha feita pelo indivíduo são centrais nos novos modos de ser. Experiências que a estrutura racional, burocrática, da igreja sempre olhou com profunda desconfiança. O êxtase é bom, mas precisa ser segregado, individualizado.

Há o medo do toque, da aproximação corporal, dos sentimentos manifestados. Por isso uma corporeidade cerebral e rígida. O controle institucional já começava com Paulo, aquele que irá institucionalizar a experiência carismática inicial nas primeiras comunidades cristãs. E que iria continuar pelos séculos afora, segregando as manifestações. As congregações religiosas, cenobíticas e anacoretas, são formas de controlar, de submeter o indivíduo e sua iniciativa, às regras da instituição. Essas formas de sentir e crer permanecerão restritas à vida de santos e santas, segregadas nos claustros e celas, nos açoites e ascetes monacais e religiosos. A propósito, na biografia do fundador dos jesuítas, Santo Ignácio, permanece a suspeita do mesmo ter freqüentado um movimento místico-carismático, os Alumbrados, na Espanha daquela época. Isso

sem mencionar êxtases e manifestações que acompanharam santas como Tereza de Ávila.

Hoje, no contexto eclesial e dentro dos movimentos, podem ser vistas duas direções distintas: regulação e espontaneidade. De um lado a alegria, do outro as regras, atravessando transversalmente a instituição, relacionando pares de opostos: conservadorismo, mas com alegria e êxtase místico.

Todavia, isso complica a vida daquelas que preferem ver a realidade como se ela tivesse fronteiras rígidas entre valores, idéias, pessoas. O que faz com que muitas vezes a experiência do outro seja destituída como alienada, superficial, barata, espetáculo, em pretensa oposição a uma experiência legítima, mais verdadeira, mais pura do que as outras, menos corrompida pelo mundo e seus atrativos. Uma doce ilusão. Esses aspectos estão misturados em todas as experiências, tornando-se um desafio e uma interpelação à estrutura milenar e pouco flexível da burocracia eclesiástica, enredada em disputas teológicas, portadora de uma incrível diversificação, desde um Queiruga até um Ratzinger.

Mas administrativamente, na prática, o gerenciamento dos conflitos tem levado o Vaticano a reestruturar o contexto eclesial, num interessante movimento entre o poder da igreja local e a ligação direta com a Cúria, entre padres e leigos, entre bispos e padres, entre movimentos e pastorais. Ora aliando-se, ora concorrendo e ora convergindo entre si. Assim, nesse contexto, a RCC possui desde 1998 um estatuto, oficialmente aprovado pelo Pontifício Conselho para Leigos, outorgando-lhe o status de associação privada de fiéis leigos.

Algo que os meios de comunicação complexificam ainda mais. Cito, a título de exemplo, um site, coordenado por um padre paulista e sua equipe, chamado de "clínicas de oração"¹³, no qual você pode enviar seu pedido de oração ou acompanhar as missas de cura e ainda, se quiser, habilitar-se para participar de uma sessão de cura em alguns endereços divulgados na internet. Mas como? Com o apoio do bispo. No site, um fac-símile da carta episcopal de aprovação é apresentada aos fiéis. Detalhe, o site contava até dia sete de março deste ano (2003) com cerca de vinte cinco mil visitas.

¹³ <http://www.catolicosleigos.com.br/vol_clinicaoracao.html>. Em: 08/10/2003.

Fronteiras Transpostas: pontos de contato entre as diversidades do catolicismo

Contudo, como falei antes, as fronteiras existem, mas podem ser vazadas, transpostas, borradas, ou serem reconstituídas em outras posições. Por exemplo, apesar do estranhamento mútuo, Ceb's e RCC se tocam, não pela cabeça dos intelectuais ou de militantes emparedados em sua visão, mas na vida de algumas pessoas.

O sociólogo paulista Reginaldo Prandi relata uma experiência carismática em uma organização popular na cidade de São Paulo, bairro Morro Doce, extremo oeste. Nessa comunidade, um reduto da chamada igreja progressista, uma líder comunitária, Genoveva, viúva, participante da pastoral da moradia, ministra da eucaristia, carismática por convicção, fala de sua conversão religiosa, deixando os Testemunhas de Jeová. Essa líder trouxe para Morro Doce, em meio aos grupos de base, a renovação carismática, enfrentando, segundo o texto, resistências nos encontros das Ceb's e a oposição do clero.¹⁴

E esse é apenas um dos exemplos que falam na porosidade das fronteiras. É fato que o mútuo estranhamento e exclusão podem dar lugar à interfecundação, e lembrando uma fala de Clodovis Boff, toda essa mistura poderia gerar o militante que canta e dança.¹⁵

Percebo que o tema poderia ser tratado por mais algumas páginas. No entanto não temos esse espaço disponível. Contudo, trago, para encerrar, uma idéia de Leonardo Boff, numa reinterpretação.

Segundo Boff, a catolicidade da igreja é o encarnar-se nas culturas, é a expressão assumida e vivida entre o particular e o universal. Assim, é necessário que, antes de propor o diálogo para a sociedade, a própria igreja deva se abrir a uma compreensão de suas expressões internas, num diálogo entre os diversos estilos de ser católico, vivendo suas próprias particularidades internas como riquezas e não como guetos.¹⁶

¹⁴ Reginaldo PRANDI, *Um sopro do espírito*, p. 110-120.

¹⁵ Clodovis BOFF, *Carismáticos e Libertadores na Igreja*.

¹⁶ Leonardo BOFF, *Igreja, carisma e poder*.

Bibliografia

- AZEVEDO, Henrique Oswaldo. Evolução do Catolicismo em Juiz de Fora (1741-1925). RHEMA, Revista de Filosofia e Teologia. Juiz de Fora: ITASA (Instituto Teológico Arquidiocesano Santo Antônio), n. 10, 11 e 12, 1997.
- AZZI, Riolando. Juiz de Fora, a nova Nínive sob a ótica do padre Júlio Maria. RHEMA, v.4, n.14, 1998.
- _____. A Romanização em Juiz de Fora e a paróquia de Santo Antônio sob a direção dos Verbitas. RHEMA, vol.4, n.15, 1998, p.45-86.
- BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony e LASCH, Scott. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997.
- BERGER, Peter. O dossel sagrado. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BISPOS divididos adiam texto sobre carismáticos. Jornal Do Brasil, 25/04/1994.
- BISPOS discutirão a Renovação Carismática. Jornal Do Brasil, 13/04/1994.
- BOFF, Clodovis. Carismáticos e Libertadores na Igreja. In: REB, Revista Eclesiástica Brasileira, nº 237. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BOFF, Leonardo. Igreja, carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante. São Paulo: Ática, 1994.
- CAMARGO, Cândido P. Católicos, protestantes, espíritas. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CAMURÇA, Marcelo. Sombras na Catedral: a influencia New Age na igreja católica e o holismo da teologia de Leonardo Boff e frei Betto. NUMEM – Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, vol. 1, n. 1, Juiz de Fora: EDUFJF, 1998.
- CANCLINI, Nestor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CARRANZA, Brenda. Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências. In: ANJOS, Márcio F. (org.). Sob o fogo do Espírito. São Paulo: Paulinas/SOTER, 1998.

- CARVALHO, José Jorge. O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade. In: MOREIRA, Alberto & ZICMAN, René (orgs.). *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *A 'Europa dos pobres': a Belle-Époque Mineira*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- CNBB. *Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica (doc. 53)*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o Pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. Martins Fontes: São Paulo, 1996.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FERNANDES, Silvia R. A. *Movimento de renovação carismática católica: ethos comum e antagônico em camadas populares no Rio de Janeiro*. In: *Revista da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*, vol.18, 1/2. Rio de Janeiro: UFRRJ, 1996.
- FRESTON, Paul. *A Igreja Universal do reino de Deus*. In: *Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FRIGÉRIO, Alejandro e CAROZZI, Maria J. *Não se nasce batuqueiro – A conversão às religiões afro-brasileiras em Buenos Aires*. In: *Religião e sociedade*, vol.18, n. 1, 1997. Rio de Janeiro: CER/ISER.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- HÉBRARD, Monique. *Os carismáticos*. Porto: Perpetuo Socorro, 1992.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?* In: *Religião e Sociedade*, vol. 18, n1, 1997. Rio de Janeiro: CER/ISER.
- HIGUET, Etienne. *O misticismo na experiência católica*. In: *VVAA. Religiosidade popular e misticismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

- IULIANELLI, Jorge A. Pastoral neoconservadora, ma non troppo: RCC e CEB's. In: REB, Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis: Vozes, 1997.
- JOVENS católicos entregam-se de corpo e alma ao êxtase da fé. In: Época. Ano I, nº 16, 7/9/1998. Rio de Janeiro: Abril.
- LAURENTIN, Renne. Pentecostalismo entre os católicos. Petrópolis: Vozes, 1976.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar. Campinas/São Paulo: Autores Associados/Anpocs, 1996.
- MACHADO, Maria das Dores Campos, & MARIZ, Cecília. Sincretismo e trânsito religioso: comparando: carismáticos e pentecostais. In: Comunicações do ISER, nº 45. Rio de Janeiro, 1994.
- MANSFIELD, Patti G. Como um novo pentecostes: relato histórico e testemunhal do dramático início da Renovação Carismática Católica. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1995.
- MARTELLI, Stefano. A religião sob o ponto de vista do mundo vital. In: A religião na sociedade pós-moderna. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MIRANDA, Júlia. Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.
- MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A. e SCHWARCZ, Lilia M. História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ORO, Ari P. Avanço pentecostal e reação católica. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PRANDI, Reginaldo. Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997.
- RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA DO BRASIL. E sereis minhas testemunhas. Aparecida: Santuário, 1993.
- _____. Plano de ação da renovação carismática católica. Aparecida: Santuário, 1998b.
- SANCHIS, Pierre. Catolicismo: entre tradição e modernidades. In: Comunicações do ISER, nº 44. Rio de Janeiro: ISER, 1994.
- _____. Sincretismo e pastoral de massas. In: LESBAUPIN, Ivo. Igreja: comunidade e massa. São Paulo: Paulinas, 1996.

SONEIRA, Abelardo J. La renovación carismática en la Argentina: entre el carisma y la institución. VI Jornadas sobre Alternativas religiosas na América Latina, Buenos Aires. 1996 (mimeo).

STEIL, Carlos. A Igreja dos pobres: da secularização a mística. In: Religião e Sociedade, vol. 19, n° 2. Rio de Janeiro: CER/ISER, 1999.

TEIXEIRA, Faustino. A gênese das Ceb's no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1988.

URQUHART, Gordon. A Armada do Papa: os segredos e o poder das novas seitas da Igreja Católica. São Paulo: Record, 2002.